

*A Psicose do Lobo Mau*

# *A Psicose do Lobo Mau*

*Uma história quase infantil*





***Pela estrada afora  
Eu vou bem sozinha....***



***Ela mora longe  
e o caminho é deserto***



***E o Lobo Mau  
passeia ali por perto***

*A Psicose do Lobo Mau*

***Eu sou Lobo Mau  
... E pego as crianças prá fazer  
mingau!***

Hoje em dia achamos que vale à pena contar esta história às crianças, como forma de prevenir eventuais assédios de Psicopatas. (E de torná-las mais obedientes)

Mas será que esta lenda a qual data da Idade Média tinha apenas um objetivo psicológico?

Talvez ela constituísse um alerta para uma situação real!

E talvez uma situação assim já tenha servido de base há muito, muito tempo para a estruturação social da época.

**E talvez ela já tenha selecionado mecanismos inatos que hoje nos criam angústias incontroláveis, quase psicóticas.**

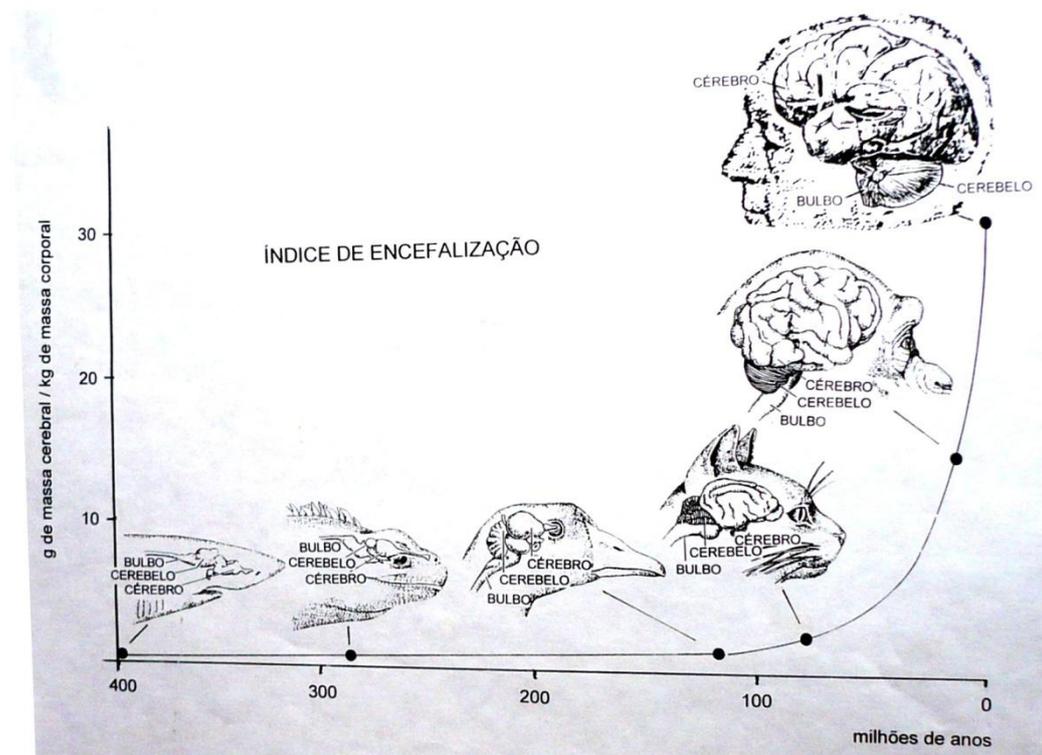


**TALVEZ AINDA HOJE ESSE LOBO MAU  
NOS APAVORE**

### Um pouco de biologia evolutiva

Nós somos primatas homínídeos, parentes mais ou menos próximos dos demais macacos.

E os primatas são os expoentes de um processo de especialização evolutiva, com todos os seus prós e contras: o crescimento cerebral, como mostra a figura;



Especializamo-nos em esperteza, comunicação e aprendizado. Tornamos o nosso comportamento maleável. Muito maleável. Por vezes até maleável demais...

E nós, assim como todos os outros primatas somos bichos relativamente indefesos. Não temos garras, nem dentes poderosos; não temos chifres (ósseos...), nem garras afiadas; nossa pele é fina e pouco resistente; não chutamos como cangurus, ou corremos como muitos quadrúpedes e nem temos asas, bicos afiados ou rabos com espinhos peçonhentos.

Individualmente, não assustamos ou espantamos nenhum predador de maior porte.

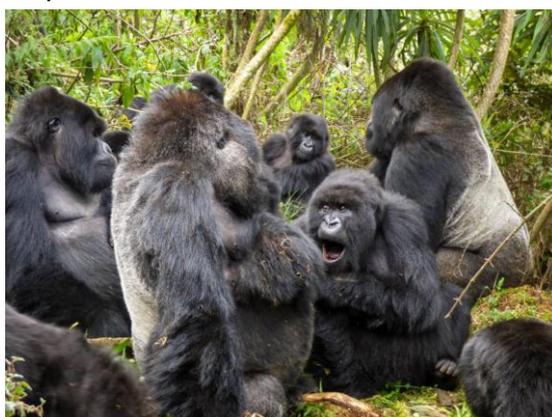


Então,

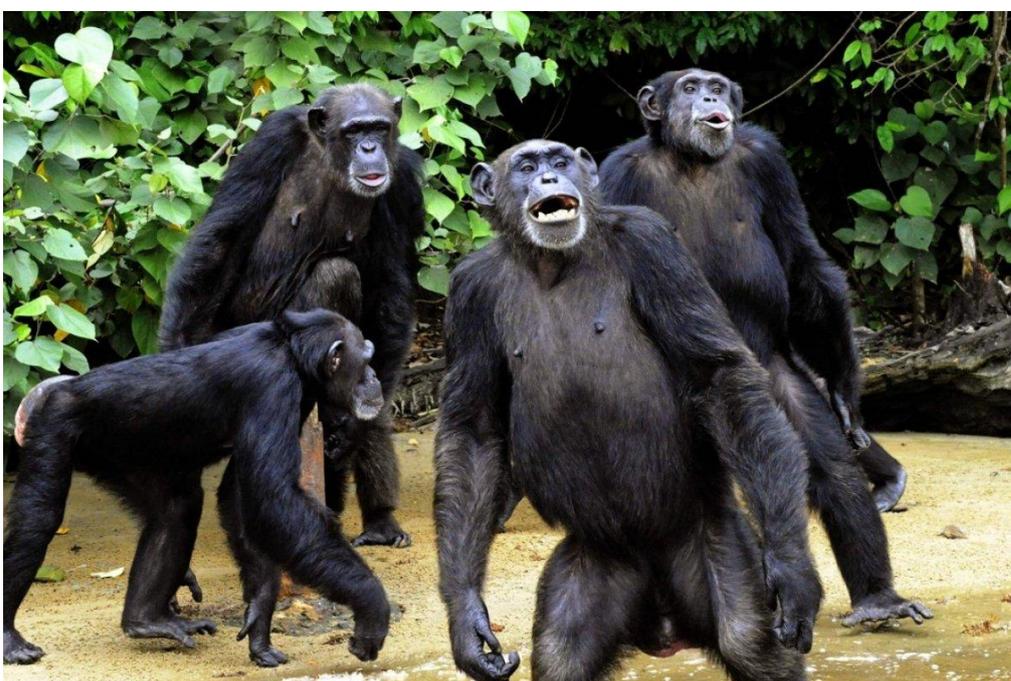
desde os macacos pequenos,



aos de maior porte

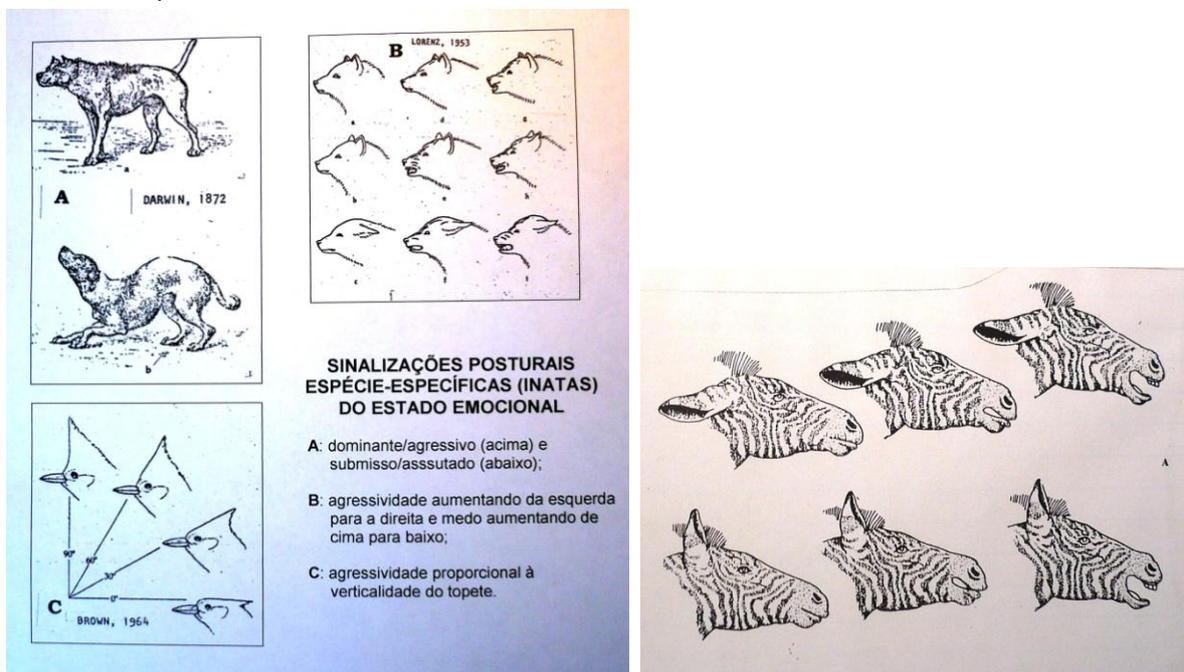


**NOSSA FORÇA ESTÁ NO GRUPO, NA AÇÃO DE CONJUNTO.**



Reciprocamente, podemos afirmar: **MACACO ISOLADO É MACACO MORTO.**

E temos uma longa e rica história evolutiva social, que se iniciou na África, em meio a florestas tropicais fechadas, onde constituímos grupos de caçadores-coletores de diferentes tamanhos e migratórios, (condição que ainda hoje ocorre em diversas populações indígenas). A comunicação entre os componentes do grupo era fundamental para a organização e manutenção da sua estrutura social. Via de regra, dada a proximidade entre os diferentes indivíduos, a sinalização era **visual**. Dualidades antagônicas como agressividade e medo, dominância e submissão eram claramente sinalizadas por **atitudes posturais e mímicas**. As características semelhantes em diferentes espécies de mamíferos e até de aves, demonstra o seu caráter provavelmente **inato**.



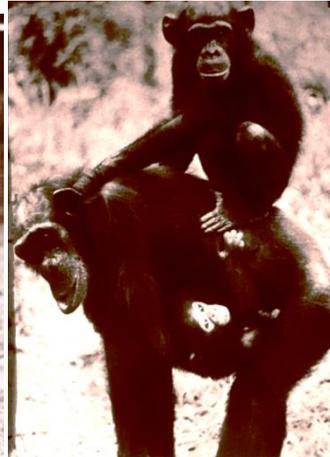
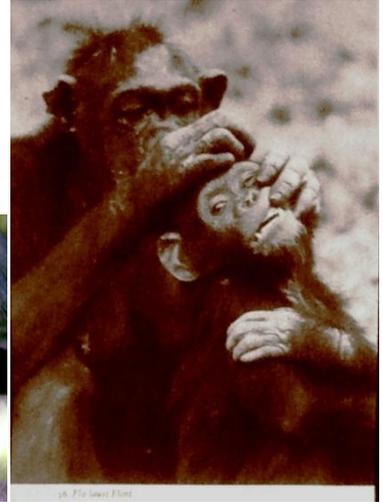
MEDO

AGRESSIVIDADE



**Sons** característicos, como, por exemplo *gritos de alerta*, E eram também utilizados para a sinalização em distâncias maiores, atingindo todos os membros do grupo ao mesmo tempo.

O **contato físico** é base para diversas formas de comunicação em muitas espécies de mamíferos, particularmente entre os primatas. Contato entre mãe e filhote, e mesmo entre adultos fortalecem os laços afetivos entre os componentes do grupo.





David Greybeard coça Rudolf, que coça Flo, que coça Fifi. (Hugo van Lawick)

A riqueza e complexidade de tais padrões depende em boa parte de **aprendizado**.

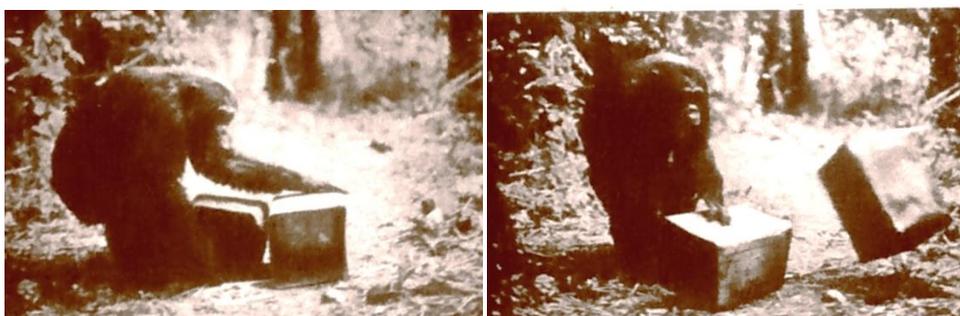
...a beleza de ser um eterno aprendiz !



Getty observa fascinado a sua mãe sendo coçada por Patti

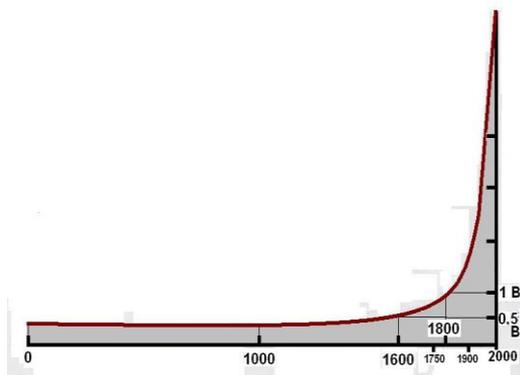


É em relação a padrões aprendidos até criativos, que os primatas se destacam. Aprendem inclusive a utilizar objetos para diversos fins, particularmente nas disputas pela hierarquia, como foi registrado por um macho que se valeu do barulho de latões vazios de querozene (do acampamento dos biólogos que estudavam o grupo) para se tornar macho alfa do grupo!



No seu processo evolutivo, ocorreu uma expansão de nossa espécie em direção ao norte, para zonas mais temperadas do planeta. A vegetação predominante agora era de florestas de coníferas, pouco densa, alternando com uma vegetação de pradaria, mais aberta, rasteira, de gramíneas. Um ambiente ideal como fonte perene de alimento, mas pouco disponível para caça. Os grupos humanos então reduziram seu tamanho e se tornaram sedentários. Plantação e criação de gado passaram mais e mais a fazer parte de seu modo de vida.

Da Antiguidade até o final da Idade Média (ao redor do ano 1500), a população total do planeta era bastante reduzida, em consequência de um índice reprodutivo baixo (como todos os primatas) e de um índice de mortalidade alto, não só em função de doenças, de subnutrição, mas também dos efeitos da predação.



Os grupos nesse período, eram predominantemente familiares, vivendo em locais relativamente afastados uns dos outros. Sua atividade predominante era agropastoril, visando o consumo no próprio grupo. Não havia grandes aglomerados humanos; havia poucas e esparsas vilas e quase nenhuma cidade. E mesmo essas, de tamanho bastante reduzido, como mostram mapas da época.



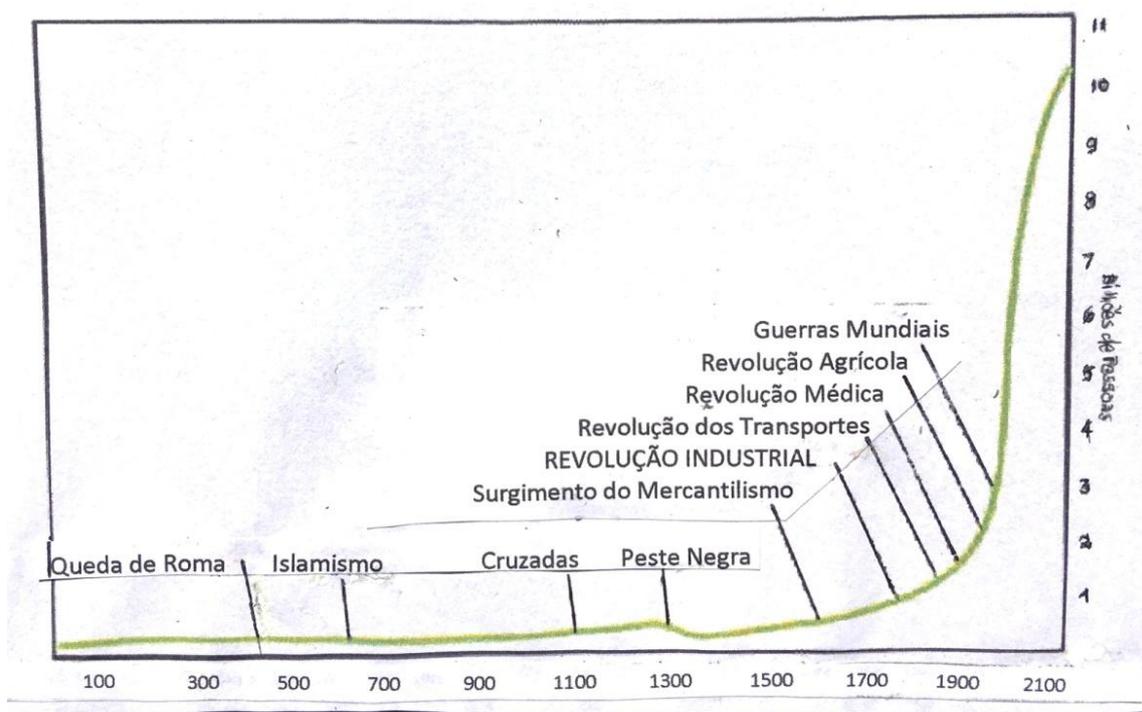
Dada essa característica de esparsos pequenos grupos familiares de sitiantes residentes e criadores de gado, eram também atraídos predadores, usualmente canídeos, e dentre esses, os LOBOS, os quais, pelo seu tamanho avantajado e atuação em bando, enfrentavam e abatiam gado e mesmo humanos. Evidente perigo de vida para crianças desacompanhadas!



Previsivelmente, a história do Lobo Mau era assim, fundamentalmente, um ensinamento prático! Ensinamento que já se servia de um padrão comportamental inato, selecionado e fortalecido em todos os primatas: o PAVOR DO ISOLAMENTO.

E essa resposta comportamental instintiva, ao que tudo indica, nos acompanha até hoje e se expressa em diversos aspectos de nossa vida de relacionamento, vindo inclusive a ser utilizada como ferramenta de controle social. Falaremos disso adiante.

Por volta do ano 1500, começou a ocorrer um evento que resultou numa enorme transformação das relações sociais humanas: um grande e exponencial aumento da população humana, que atingiu no século XXI valores vinte vezes maiores do que em toda a Antiquidade, como mostra o gráfico.

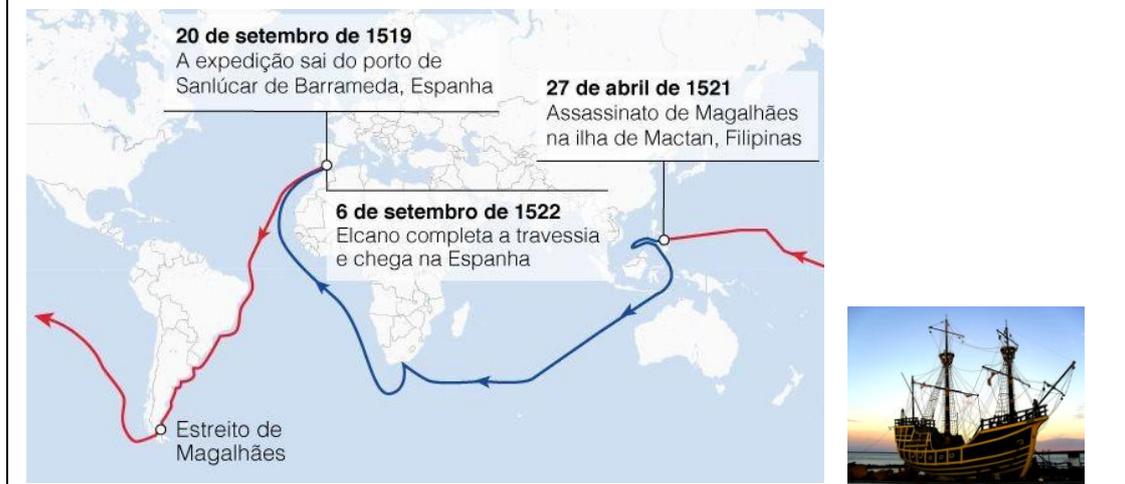


O início dessa transformação, que corresponde à transição entre a Idade Média e a Idade Moderna foi causada por um evento, aparentemente sem maior relevância social: a “*Queda de Constantinopla*”, a ocupação desta cidade pelas tropas do Império da Turquia. Acontece, no entanto, que Constantinopla, no Estreito de Bósforo (parte do Império Bizantino), era um ponto de passagem obrigatória para as caravanas que levavam por terra, mercadorias do Oriente para o Ocidente; (evitando assim percursos difíceis pelo Mar Negro ao norte ou Mediterrâneo ao sul, para o qual não havia nem embarcações adequadas e nem conhecimentos de náutica suficientes).

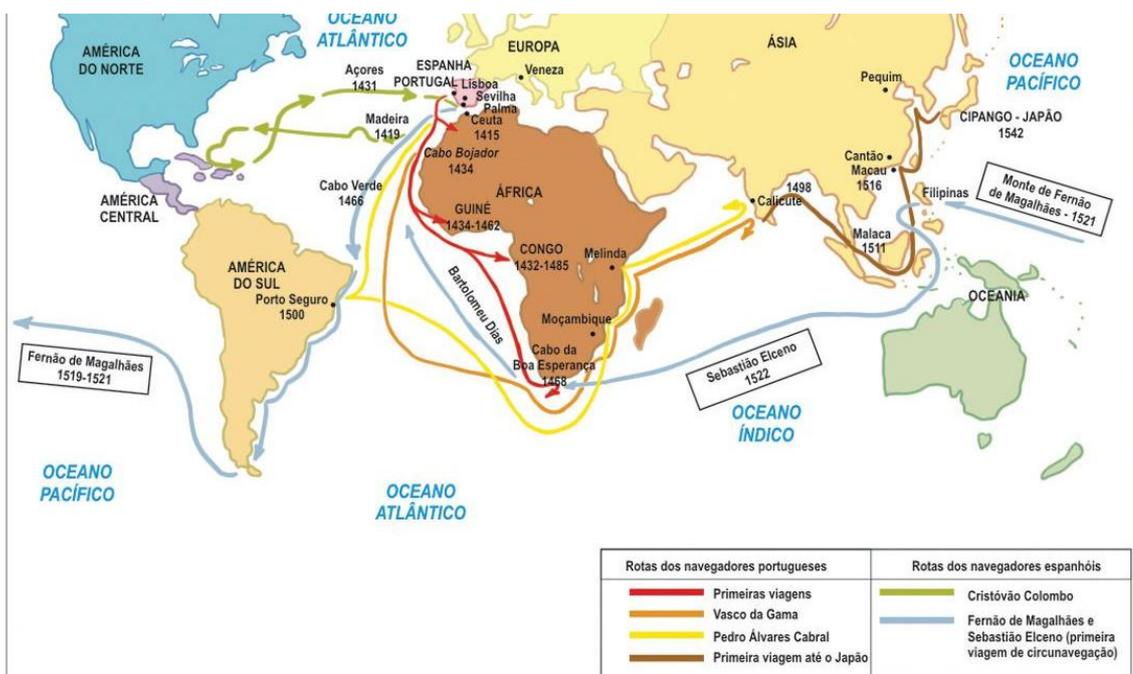


A súbita interrupção do fluxo de bens orientais (tecidos finos, joias, especiarias, etc.) para a Europa, trouxe então um grande estímulo para o desenvolvimento da navegação marítima. Levou à criação de um novo tipo de embarcação, as *caravelas* e levou também à execução de mapas e a descobertas de maneiras de orientação em alto mar. Foi dessa época a primeira viagem de circunavegação do Globo.

Fernão de Magalhães partiu de Cadiz na Espanha em 10 de agosto de 1519 com uma frota de cinco **caravelas e 240 homens**. **A expedição contornou a America do Sul, atravessou o Pacífico, chegando às Filipinas**. No retorno contornou o extremo sul da África e, retornando pelo Atlântico, chegou de volta a Cadiz, dois anos depois, em 6 de setembro de 1522, com apenas uma caravela, 18 tripulantes e sem Magalhães que morreu em combate no Oriente...



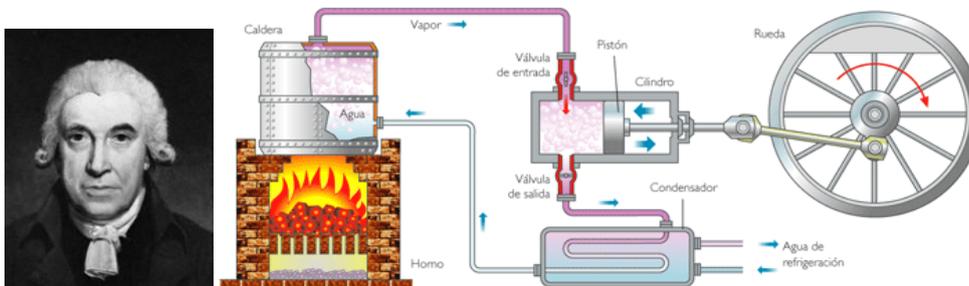
Apesar de todas essas dificuldades, Portugal e Espanha acabaram criando rotas de navegação, que enriqueceram enormemente esses dois países.



As riquezas trazidas por essas viagens, acabaram resultando no chamado *Mercantilismo*, levando a uma modificação profunda de todo o sistema social vigente: devido à quantidade de bens não perecíveis trazidas pelas atividades marítimas e comerciais, a riqueza acabou se distribuindo por toda a Europa. Passou a se basear, não mais em bens agro-pastoris perecíveis, mas em bens duradouros (ouro, pedras preciosas, sedas, etc.).

Desse modo, a riqueza passou então a ser *acumulada e crescente*, gerando *Poder*. E esse Poder não se limitou às famílias da nobreza, como até então, mas expandiu-se, criando uma escala de poder em boa parte da sociedade. O *Ter* passou, socialmente, a predominar sobre o *Ser*. E a ***busca pelo Poder cada vez maior***, passou a ser um objetivo social.

O segundo ponto de inflexão da curva de crescimento populacional, ocorreu em torno de 1800, principalmente consequente a um fantástico invento, o Motor a vapor, desenvolvido por James Watt em 1770.



Esse invento que trouxe uma enorme cadeia de aplicações, deu origem à chamada Era Industrial, que trouxe uma sucessão de “Revoluções”, levando a muitas melhorias as quais possibilitaram um acentuado aumento da vitalidade da população e ao seu crescimento. A estrutura social se modificou enormemente. A forte atração exercida pelos recursos disponíveis nas cidades foi levando um número crescente de pessoas a abandonar a vida de sítiantes. Deixaram assim de estar vinculadas de maneira predominante a um dado grupo

familiar onde as relações humanas eram claras, definidas e afetivas; uma situação em que as atividades de cada membro do grupo eram bem definidas e restritas a alguns poucos tipos de afazeres, cuja execução lhes era bem conhecida, dando lhes uma clara sensação de competência e de pertencimento ao grupo.

Nas cidades, ao contrário, as pessoas foram ficando, mais e mais, ligadas a “empresas”. Anônimas, compostas por pessoas com poucos vínculos entre si (quando não em franca competição e antagonismo), exercendo atividades muitas vezes repetitivas, automáticas e sem relação clara com o produto final gerado. A vinculação com o próprio local de trabalho quase sempre era muito pouca, até pela sua monotonia e ambiente hostil que o caracterizava. O deslocamento entre a moradia e o local de trabalho frequentemente era grande, em meio a aglomerados anônimos de pessoas igualmente estressadas e solitárias. A ameaça constante de perda do emprego e penúria resultante, levava à insegurança, resultando numa atividade quase frenética de “produção”.

A comunicação entre as pessoas nestas condições foi rapidamente definindo. Mesmo o pouco que restava da vida em família e de um pseudo-lazer pouco acrescentavam a esse quadro.

Era o *isolamento* em meio à multidão. E a ativação do pavor atávico dessa condição.

ERA O LOBO MAU, AGORA À ESPREITA EM QUALQUER CANTO DA CIDADE E DA VIDA!

Qualquer forma de comunicação e de ligação a outras pessoas ou grupos, passou a ser valorizada e avidamente procurada.

Ao mesmo tempo, nas empresas, a soma algébrica de gastos (salários) baixos e ganhos elevados pela produção aumentada, trazia lucros crescentes aos proprietários das empresas.

**CRESCIMENTO CONTÍNUO** (LUCRO CRESCENTE) passou a ser o modelo sócio-econômico vigente para todos os tipos de empresa e atividade. Criou-se assim um beco sem saída com sérias, crescentes e funestas consequências nos séculos seguintes.

E, como uma das molas propulsoras desse “crescimento a qualquer custo”, as empresas passaram a buscar, não apenas um aumento da produção, mas também um aumento do consumo de seus produtos ou serviços. Empregando todos e quaisquer meios disponíveis; éticos ou antiéticos, legais ou até ilegais com esta finalidade.

E, em ambos os lados dessa equação o elemento fundamental era o controle do cidadão, seja como produtor, seja como consumidor.

Para garantir o **aumento da produção** o meio mais empregado desde o início da Era Moderna foi o medo (perda de emprego, punições, utilização distorcida da lei, ameaças). Percebeu-se, no entanto que, além de um certo limite, esse meio perdia sua eficiência ou era até contraproducente. Estresse excessivo levava a situações de “burn-out”, adoecimento físico e/ou psíquico, simples desistência. Quando não até ao ingresso e à participação das pessoas em processos sociais de manifestação, rebeldia ou até revolução. Urgia um “aperfeiçoamento” nesse método...

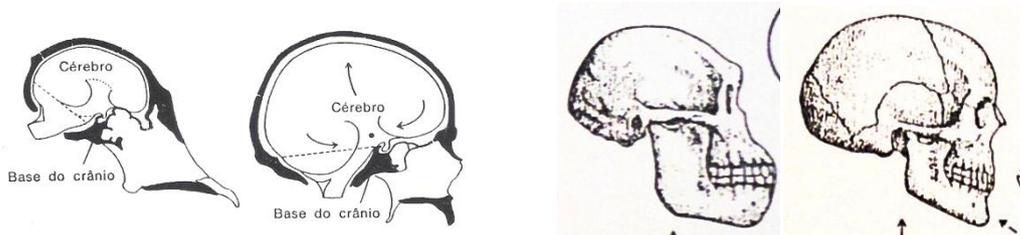
Mas, para obter um **aumento de consumo**, nos primórdios da Era Industria simplesmente não havia métodos satisfatórios. Aumentos salariais ou bônus de qualquer tipo, embora levassem a temporários aumentos de consumo, representavam também uma despesa para a empresa, cabendo-lhe a difícil tarefa de estudar e adequar este balanço. Para complicar ainda mais a questão, a própria avaliação do consumo ocorrido era muito precária e lenta. Certamente, quaisquer processos de aumento da comunicação seriam bem vindos. Não só para a divulgação dos produtos/serviços, mas também para criar/aumentar sutilmente o desejo pelos mesmos. Até o simples aumento da comunicação entre as pessoas poderia ser muito útil nesse sentido, divulgando e incentivando o consumo.

Até o início do século XX, essas condições não tinham obtido respostas significativas.

E aí então ocorreram duas transformações muito significativas:

- (a) uma exponencialmente crescente disponibilidade de meios de comunicação;
- (b) a descoberta de processos de manipulação das respostas de produção e consumo das pessoas.

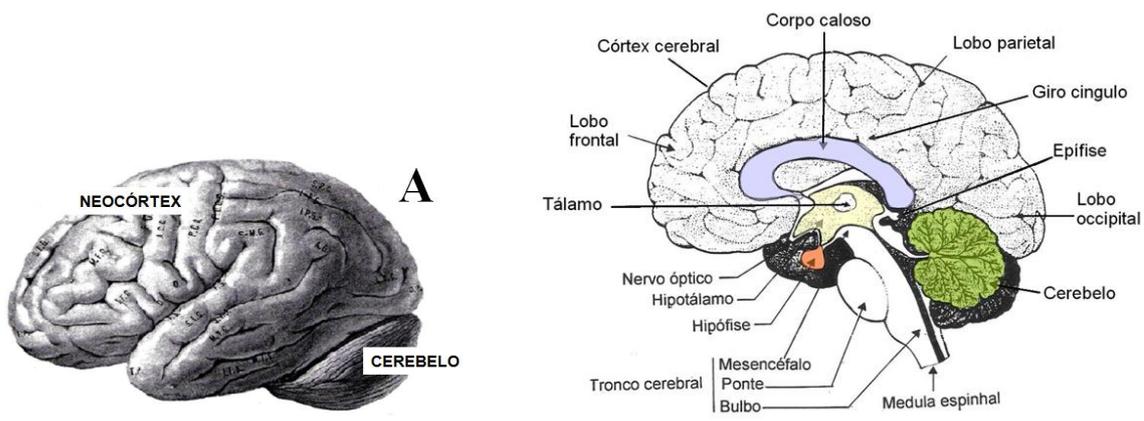
A comunicação, como já sabemos, foi sempre uma das “armas” para a sobrevivência dos primatas. Espelho disso, como mostrado abaixo, foi o desenvolvimento do tamanho do cérebro (e do crânio) ao longo da evolução filogenética.



Particularmente ocorreu o crescimento desproporcional dos mais “evoluídos” hemisférios cerebrais, com o seu córtex especializado no armazenamento de informações e na análise de sua aplicabilidade na solução de problemas.

Mas o aumento do tamanho do cérebro e do volume da cabeça levou a um problema físico: o das crescentes dificuldades parto dado aos limites da área de passagem da cabeça do feto pelos estreitos da bacia materna.

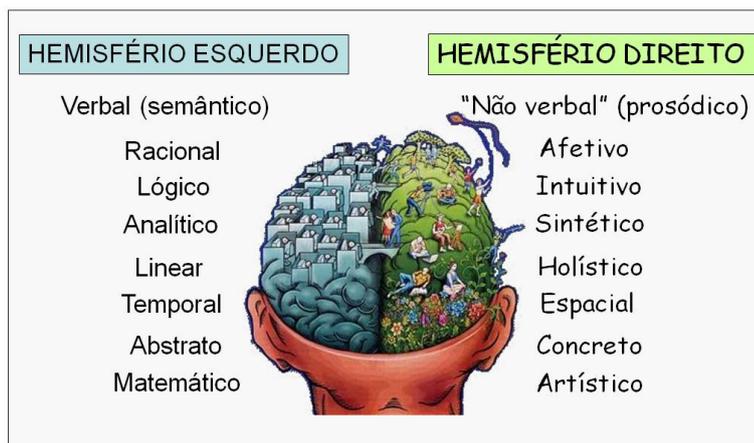
A “solução/acomodação” encontrada pela evolução para este problema, foi possibilitar o crescimento cerebral, sacrificando o grau de comunicação entre os dois hemisférios.



A figura acima ilustra um cérebro visto “por fora” e outro repartido ao meio, mostrando claramente a disparidade entre o volume do Córtex Cerebral e o volume do Corpo Caloso (em azul), estrutura que agrega os neurônios da comunicação entre os hemisférios.

A disparidade das dimensões entre estas estruturas foi “solucionada” pela diferenciação entre as funções de cada um dos hemisférios, criando um Hemisfério “dominante”, usualmente o esquerdo, ao qual é atribuída a memorização e a coordenação das funções consideradas mais importantes em nossa cultura (predominantemente as funções lógicas e analíticas), segregando para o “outro lado” as funções tidas como “pouco relevantes”, aquelas que lidam com a afetividade e a criatividade (ver figura/tabela).

Especializações funcionais do neocórtex de cada um dos hemisférios, em nossa cultura.



Uma das consequências desastrosas desse processo de especialização na cultura ocidental foi a opção pela valorização do relacionamento racional e supressão do afetivo. Estabeleciam-se desse modo, no contato entre as pessoas, vínculos afetivos muito frouxos e sujeitos a rupturas inesperadas em função de “interesses”. E assim, novamente e de modo cada vez mais intenso, acentuou-se o **pavor do isolamento**. E acentuou-se a vulnerabilidade a quaisquer promessas/propostas de estabelecimento de vínculos interpessoais mais intensos, tais como na criação de agremiações ou grupos de atividade; e também a busca, aceitação e submissão a quaisquer processos/tecnologias que prometem facilitar a comunicação (ainda que restrita e estereotipada) entre os membros de tais agremiações.

Houve então a necessidade da adaptação do processo de estruturação funcional do nosso cérebro ao padrão de estrutura social da Era Moderna, voltada para o crescimento econômico contínuo (baseado na percepção de *lucros sempre crescentes*): a manipulação da motivação da população pela aquisição de bens, utilizando técnicas de modificação comportamental, calcadas no pertencimento a grupos, seja “prometendo” a inclusão num determinado grupo, seja “ameaçando” a sua exclusão dele. E isto é o que vem sendo feito, tanto pela opção “tradicional” da simples repetição de slogans ou imagens, como ocorre na propaganda tradicional; seja em paralelo, pela mais sorrateira, quase imperceptível e incontrolável, difusão maciça de *fake-news* em redes de comunicação.

Em qualquer uma dessas alternativas, o processo de controle é potencializado pela utilização do “mapeamento” das motivações individuais (seja daquelas de evitamento, seja daquelas de procura), adaptando ao máximo as abordagens às características de indivíduos ou sub-grupos de indivíduos. Tais mapeamentos, utilizando técnicas de rastreamento de atividades de indivíduos ou grupos e avaliações quase instantâneas dos efeitos de quaisquer das abordagens de manipulação comportamental, está sendo cada vez mais disponível ao “Sistema”, à medida em que aumentam exponencialmente as capacidades de armazenamento de informações e inserção das mesmas em modelos operacionais nos mega-sistemas computacionais do Vale do Silício. E a via de acesso mais efetiva a estas informações é através da REDES.



Computadores gigantes (em rede) no Silicon Valley

Assim, lá vamos nós “Pela estrada afora”, apavorados pela possibilidade de virarmos petiscos para o lobo malvado se nos afastarmos do “nosso grupo” ou até se formos rejeitados por ele.

E, conseqüentemente, aceitando ou até **buscando** o pertencimento a grupos manipuláveis/manipulados pelo sistema econômico...

O ato aparentemente simples, de “deletarmos agora as nossas redes sociais” como nos propõe Jaron Lanier (um dos grandes experts no assunto) é obviamente uma utopia incapaz de ser concretizada pela quase totalidade das pessoas na atualidade...

Resta, ao que consigo perceber, uma sólida e intensa crítica ao próprio sistema social do Crescimento Continuado, destrutivo que ele está sendo, não apenas para a evolução saudável da humanidade mas até para o equilíbrio ecológico do próprio planeta e assim, para a própria sobrevivência da humanidade.

Parece absurdamente ridículo, mas provavelmente real, que a **única** saída que temos para escaparmos do modelo social de Crescimento Continuado, seja afinal o aborto do processo fantástico de armazenamento e manipulação de dados, proporcionado pela chamada Inteligência Artificial.

Percebendo que a consequência inevitável do funcionamento continuado do modelo social e econômico que nos rege, seja a própria destruição do mesmo. Levando junto boa parte da vida do planeta num processo de Extinção Global...

SEXTA EXTINÇÃO GLOBAL E EXTINÇÃO DA SUB-ESPÉCIE MUTANTE DISTORCIDA, QUE SE JULGA SAPIENS (SEM PERCEBER QUE “SAPIENS” É APENAS ESPERTO E NÃO SÁBIO) AQUI VAMOS NÓS!

Em tempo: É interessante notar que o Primeiro Cavaleiro do Apocalipse (o qual, erroneamente, muitas vezes é entendido como uma pessoa e não como uma situação social), diversas vezes é representado como um poderoso rei, majestosamente sentado em seu cavalo branco reluzente; sendo o único a NÃO portar uma arma efetiva (como os outros três), mas apenas um ARCO. Talvez uma expressão intuitiva de sua esplendorosa aparência e do sutil longo alcance de seu poder...

